

**OS DEUSES NO CANTO I DA “ENEIDA”:  
A RELAÇÃO ENTRE JUNO, JÚPITER E VÊNUS  
COM O PRINCIPADO ROMANO DE AUGUSTO**

*Natasha Coutinho Revoredo Ribeiro* (IBICT/UFRJ e UFF)

[natashacoutinho@id.uff.br](mailto:natashacoutinho@id.uff.br)

*Leonardo Ferreira Kaltner* (UFF)

[leonardokaltner@id.uff.br](mailto:leonardokaltner@id.uff.br)

**RESUMO**

A “Eneida” foi escrita pelo poeta latino Virgílio no século I a.C. em virtude de uma encomenda de Otávio. Para o Império, que estava em expansão, era importante legitimar as aspirações romanas, e uma forma eficaz para isso era evocar a mitologia. A “Eneida” procura explicar a origem de Roma por meio da interrelação dos heróis troianos que sobreviveram à Guerra de Troia – especialmente Eneias – com a mitologia. Eneias seria aquele destinado pelos deuses a fundar a nova Troia na Itália, que seria no futuro um dos maiores Impérios da Antiguidade Clássica: o Romano. O presente artigo busca, a partir da análise do Canto I da “Eneida”, estabelecer um paralelo entre os deuses Juno, Júpiter e Vênus e o Principado Romano de Augusto, e especificamente relacionar a Ira de Juno com as Guerras Púnicas e contrastar a profecia de Júpiter com a deusa Vênus e a linhagem do Imperador Augusto. Foi realizada uma pesquisa documental de caráter qualitativo para analisar o Canto I da “Eneida” e para embasar a análise e construir o referencial teórico do estudo utilizou-se a pesquisa bibliográfica. A partir da análise do Canto I foi possível perceber as ligações estabelecidas por Virgílio entre os deuses Juno, Júpiter e Vênus ao Principado Romano de Augusto, e reconhecer que Virgílio narrava em sua epopeia mitos do passado, mas também profecias que já se haviam concretizado no presente, ou seja, na Roma de Augusto, porém, se destaca que, mais do que uma obra para legitimar o poder do recente Império, a “Eneida” é um farto material sobre a cultura romana.

**Palavras-chave:**

Eneida. Epopeia Clássica. Principado Romano de Augusto.

**ABSTRACT**

The Aeneid was written by the Latin poet Virgil in the 1<sup>st</sup> century BC in front of a commission by Octavius. For the expanding Empire it was important to legitimize Roman aspirations, and an effective way for doing this was to evoke mythology. The Aeneid seeks to explain the origin of Rome through the interrelation of the Trojan heroes who survived the Trojan War – especially Aeneas – with mythology. Aeneas would be the one destined by the deities to establish the new Troy in Italy, which would be in the future the greatest Empire: the Roman. This article seeks, from the analysis of Canto I of the Aeneid, to establish a parallel between the deities Juno, Jupiter and Venus and the Roman Principality of Augustus, and specifically relate the Wrath of Junus with the Punic Wars and relate the prophecy of Jupiter with the goddess Venus and the lineage of Emperor Augustus. A qualitative documentary research was carried out to analyze Canto I of the Aeneid and to support the analysis and build the

theoretical framework of the study, bibliographical research was used. From the analysis of Canto I, it was possible to see the links established by Virgil between the gods Juno, Juppiter and Venus to the Roman Principality of Augustus, and recognize that Virgil narrated in his epic past myths, but also prophecies that had already materialized in the present, that is, in the Rome of Augustus. However, it is noteworthy that, more than a work to legitimize the power of the recent Empire, the Aeneid is a wealth of material about Roman culture.

**Keywords:**

**The Aeneid. Classic Epic. Roman Principality of Augustus.**

## **1. Introdução**

A “Eneida” foi escrita pelo poeta latino Virgílio no século I a.C. e é considerada uma das grandes epopeias clássicas como a “Íliada” e a “Odisseia”, obras atribuídas ao poeta Homero. O poema busca explicar a origem de Roma por meio da interrelação dos heróis troianos que sobreviveram à Guerra de Troia – especialmente Eneias, o príncipe troiano – com a mitologia. Eneias seria aquele destinado pelos deuses a fundar a nova Troia na Itália, que seria no futuro um dos maiores Impérios da Antiguidade Clássica: o Romano.

A “Eneida” começou a ser escrita em 29 a.C. em virtude de uma encomenda de Otávio, que havia então triunfado sobre seus adversários. Roma vinha enfrentando um cenário de guerras civis desde 44 a.C. quando o cônsul romano Júlio César foi assassinado (SILVA S., 2010). Após o ocorrido, Lépido, Marco Antônio e Otávio, sobrinho de Júlio César, “(...) iniciam uma campanha contra Bruto, Cássio e adeptos da causa anti-cesariana (conhecidos como republicanos), que termina com a vitória dos ‘vingadores’ em Filipos, em outubro de 43 a.C.” (SILVA, C., 2010, p. 1).

O Trio então estabelece o segundo Triunvirato romano que divide o Império em três. Porém, a aliança vai enfraquecendo-se com o passar dos anos, quando Otávio acusa Lépido de traição. Por fim a aliança entre Marco Antônio e Otávio se finda efetivamente quando os dois entram “(...) em conflito por meios de discursos que culminarão numa guerra propriamente dita, que levará à Batalha de Ácio, em 31 a.C. (...)” (SILVA, C., 2010, p. 1). Após a batalha, Otávio derrota Antônio, que se havia unido à rainha do Egito, Cleópatra, e assim acabam as guerras civis.

Com a vitória de Otávio e a conquista do poder romano, ele desenvolveu inúmeras estratégias, buscando ser aclamado “(...) não como um rei, mas como o mais sábio, o mais digno e o mais magnânimo.”

(ROULAND, 1997, p. 339 *apud* SILVA, S., 2010, p. 2). Otávio era um grande chefe militar, comandante de um exército forte e possuía meios para proporcionar a paz há tanto esperada pelos romanos, que aceitaram seu poder.

Um dos recursos que permitiu a garantia da paz, além do reforço militar e das estratégias adotadas por Otávio, foi o fato de ele pertencer à *Gens Iulia*, família tradicional romana, da qual também fazia parte Júlio César. Quando César foi elevado ao título de divindade, Otávio, que havia sido adotado como filho por ele, recebeu a herança de ser descendente de um deus (Cf. SILVA, S., 2010).

Para o Império que estava em expansão era importante legitimar as aspirações romanas, e uma forma eficaz era evocar a mitologia. Além disso, é possível perceber, a partir do panorama histórico, o quanto a preservação da paz era importante e o quanto o povo romano, após anos de guerras civis, precisava de uma obra que cantasse o seu patriotismo e o tornasse um povo uno.

Partindo dessas reflexões, o presente artigo busca, a partir da análise do Canto I da “Eneida”, estabelecer um paralelo entre os deuses Juno, Júpiter e Vênus e o Principado Romano de Augusto. Para atingir esse objetivo, o artigo buscará especificamente relacionar a Ira de Juno com as Guerras Púnicas<sup>36</sup> e contrastará profecia de Júpiter com a deusa Vênus e a linhagem do Imperador Augusto.

## 2. A “Eneida” de Virgílio

A “Eneida” é uma epopeia que foi escrita durante dez anos (29 a 19 a.C.) por Virgílio, o poeta nacional do Império Romano. A epopeia foi encomendada a Virgílio pelo próprio Otávio<sup>37</sup>. À época do pedido, Virgílio já era bastante conhecido em Roma, uma vez que já havia com-

---

<sup>36</sup> Guerras Púnicas são o rótulo dado às três guerras travadas entre Cartago e Roma em 264–241, 218–202 e 148–146 a.C. Essas guerras foram muito importantes, pois a vitória de Roma permitiu seu controle sobre as rotas de navegação e de comércio do mar Interno, garantindo sua soberania sobre os povos vizinhos (ALMEIDA, 2011).

<sup>37</sup> O nome Otávio vem sendo utilizado desde a introdução, pois em 29 a.C. ele ainda não havia recebido a denominação de Augusto. Foi em 27 a.C. que o Senado lhe conferiu o título de *Augustus* que “[...] possuía uma conotação religiosa, estando ligado ao verbo *augere* (aumentar) e era, até então, aplicado apenas a lugares sagrados e divindades criadoras, este título ficando conhecido com o nome do Imperador Augusto” (SILVA, S. 2010, p. 4).

posto as duas obras que lhe deram fama de poeta: as *Bucólicas*, que são uma coletânea de poemas pastoris, e as “Geórgicas” um poema didático sobre a agricultura (Cf. CARDOSO, 2011, p.10). As “Geórgicas” foram escritas a convite de Mecenas, que já havia tido sua atenção despertada pelos dotes de poeta de Virgílio. O objetivo das “Geórgicas” era o de “(...) encorajar a volta das populações rurais à sua profissão ancestral e restaurar, nos campos devastados pela guerra civil, a antiga prosperidade” (RÓNAL, [1975], p. [11]-[12]).

Otávio desejava que Virgílio escrevesse “(...) uma epopeia grandiosa que pudesse ombrear com os poemas homéricos” (CARDOSO, 2011, p. 10). Essa epopeia patriótica era

[...] destinada a legitimar, pela evocação de suas origens ilustres, as altas aspirações de Roma. A tradição fazia dos romanos descendentes dos troianos e Otávio apontava como fundador da sua estirpe Enéias [*sic*], um dos heróis da Ilíada. Era preciso dar consistência a essa lenda, fundamentá-la na História e na Mitologia com os poderes da poesia. (RÓNAL, [1975], p. [12])

Apesar dos dez anos em que escreveu o poema, Virgílio não conseguiu dar o polimento final à sua obra. Quando faltava apenas a revisão final, o poeta decidiu conhecer os cenários de sua epopeia e embarcou com destino à Grécia; porém acabou adoecendo e precisou voltar à pátria, falecendo poucos dias depois. “Antes de morrer, incumbiu dois amigos de destruírem a “Eneida” por julgá-la inacabada e imperfeita, mas, por determinação de Augusto (...), esta ordem não foi cumprida” (RÓNAL, [1975], p. [12]).

O poema é composto por doze cantos, tendo um total de 9.826 versos (CARDOSO, 2011, p. 10-18). A “Eneida” narra “(...) as atribuições de Enéias [*sic*] desde a destruição de Tróia [*sic*] até a chegada ao Lácio e a fundação de uma nova pátria em terras da Itália” (RÓNAL, 1975, p. [12]). No proêmio do poema, encontramos a seguinte proposição<sup>38</sup> (Verg. *Aen.* 1, 1-7):

Canto as armas e o varão que, expulso pelo destino das praias de Tróia [*sic*] para a Itália, chegou primeiro ao litoral da Lavínia. Por muito tempo, na terra e no mar, esteve à mercê dos deuses superiores, incitados pela ira sempre lembrada da cruel Juno. Muitas provações, também, sofreram na guerra, para fundar uma cidade e trazer os seus deuses ao Lácio. Daí saíram o povo latino, os antepassados albanos e as muralhas da poderosa Roma. (VIRGÍLIO, [1975], p. 21)

<sup>38</sup>A edição da *Eneida* utilizada no presente artigo é uma versão em prosa.

Ao entrar em contato com a “Eneida”, é possível perceber que Virgílio bebeu de fontes gregas e foi fortemente influenciado pelos poemas homéricos. A “Eneida” apresenta tanto a guerra que se desenrola no Lácio (como a Guerra de Troia permeia a “Íliada”), quanto narra a viagem de Eneias desde Troia até alcançar a Itália (como o regresso de Odisseu à pátria em “Odisséia”). Além das duas mais conhecidas, o poeta latino se inspirou em outras poesias tanto da Grécia, quanto dos seus predecessores romanos<sup>39</sup>.

A “Eneida” possui todos os componentes tidos como essenciais nos poemas heroicos da Grécia:

O proêmio, a invocação, os epítetos ornamentais, os versos repetidos à guisa de estribilho, as grandes comparações épicas, a perfrases, os parêntesis. O majestoso verso hexâmetro, a que o harmonioso idioma grego emprestava extraordinária sonoridade, ganhava na língua menos flexível dos romanos uma enérgica dignidade. (RÓNAL, 1975, p. [13]-[14])

Virgílio faz da “Eneida” uma verdadeira homenagem ao Império que se formava, atribuindo ao imperador Augusto uma linhagem divina, como sucessor de Eneias, filho de Vênus, e o Império Romano como a nova Troia.

A “Eneida” também representa uma unificação e ordenação dos mitos fundadores e um manual religioso que aponta as origens do povo romano, ligando o tempo mítico da Guerra de Troia e o tempo histórico que corresponde ao período clássico latino. “Assim, essa epopeia representa não só a origem de Roma, mas também o seu mito, através de uma espécie de *flashback* do Império de Augusto.” (ALMEIDA, 2011, p. 13). O uso do passado se apresenta através da relação estabelecida entre Eneias e a Roma do século I a.C. “(...) renunciando os valores romanos, os quais Augusto resgata, e Virgílio atribui a Eneias” (ALMEIDA, 2011, p. 14).

---

<sup>39</sup> Segundo Sousa (2008, p. 7) estudiosos têm reconhecido nos episódios retratados nas pinturas do templo de Juno “[...] alusões a poemas pertencentes a um dos ciclos da antiga poesia épica grega, o troiano, composto pelas epopeias [*sic*] que abordam todo o desenrolar das “*Iliacas pugnas*” na seguinte ordem cronológica: “Cantos Cíprios”, “Íliada”, “Etope”, “Pequena Íliada”, “Saque de Ílion”, “Retornos”, “Odisséia” e “Telegonia” – des-sas, infelizmente, apenas a “Íliada” e a “Odisséia” conservaram-se”.

### 3. O Canto I da “Eneida” e os deuses

A “Eneida” é narrada *in media res*, ou seja, sua narrativa começa de um ponto do meio da história, e os acontecimentos iniciais são narrados posteriormente por meio de *flashbacks*. A epopeia começa com Eneias e seus companheiros troianos em alto mar. Eles abandonam Troia, que foi destruída após dez anos de guerra contra os gregos e seguem em busca de uma região para construir a nova Troia. Eles são castigados por uma tempestade causada pelos ventos de Eólo, a pedido de Juno. Os navios perdem-se. Eneias e alguns companheiros, por fim, descobrem uma baía para se refugiarem. Na manhã seguinte Eneias resolve explorar a região acompanhado de Acates e se deparam com Vênus, sua mãe. Depois desse encontro prosseguem protegidos pela deusa envoltos em uma névoa que os deixam invisíveis.

Eles entram em um templo dedicado à deusa Juno e lá encontram pinturas da Guerra de Troia. Em seguida aparece Dido, a rainha de Cartago, e os troianos dos outros barcos que haviam se perdido. A rainha os acolhe e lhes oferece um banquete. Dido faz perguntas a Eneias sobre heróis e fatos da guerra e pede-lhe ao final que relate o que aconteceu com ele durante os anos até chegar a Cartago. Dido havia sido manipulada por Vênus para se apaixonar por Eneias (Cf. SOUSA, 2008).

No Canto I, o poeta invoca as musas a explicarem as causas da ira que a deusa Juno nutre pelos troianos, e, por conseguinte, por Eneias (Verg. *Aen.* 1, 8-11):

Faze-me lembrar, ó Musa, as causas, que divindade foi ofendida e porque, incitada, a rainha dos deuses fez com que sofresse tantos perigos e enfrentasse tantos trabalhos um varão insigne pela piedade. Pois tanta ira em corações celestes? (VIRGÍLIO, [1975], p. 21)

São explicitados então os três motivos para tal ira (Verg. *Aen.* 1, 12-33):

Houve uma cidade antiga, habitada por colonos tírios, Cartago, que se erguia diante da Itália e da foz do Tibre, cheia de riquezas e adestrada nas artes da guerra. Dizem que Juno a amava mais que a todas as outras terras, preferindo-a mesmo a Samos; ali tinha suas armas e seu carro. E, se permitisse o destino, pretende torná-la a rainha das gentes, e para isso se esforça. Ouvira, porém, dizer que uma raça saída do sangue troiano haveria de derrocar os baluartes tírios, e que um povo reinante em grandes extensões e soberbo na guerra viria para a perdição da Líbia: assim fariam as Parcas. Isto teme a filha de Saturno e se lembra da guerra passada que travara contra Tróia por seus queridos argivos, e traz na alma as causas da ira e do cruel ressentimento. Guarda no coração o julgamento de Páris, in-

júria feita à sua beleza, a raça odiosa e as honras concedidas a Ganimedes raptado. Inflamada por isso, ela afasta do Lácio os troianos, presa do mar imenso, restos do furor dos gregos e do implacável Aquiles. Por muitos anos eles erraram nos mares, empurrados pelo destino. Tão ingente era a tarefa de fundar a nação romana! (VIRGÍLIO, [1975], p. 21)

Nesse trecho é possível perceber que dois dos motivos da ira de Juno provém de mitos: O julgamento de Páris e o rapto de Ganimedes. E o terceiro motivo é um fato histórico, no caso, as Guerras Púnicas. Começamos pelos fatores mitológicos: “Os acontecimentos míticos compõem na diegese da “Eneida” um passado ainda próximo, pois junto às ações de Eneias, eles engendram o ciclo troiano da Guerra [de] Troia” (ALMEIDA, 2011, p. 20).

O Julgamento de Páris não apenas engendra o ciclo troiano, como é parte fundamental desde, sendo indicado por Vernant (2000) como o momento que levou à Guerra de Troia. Seu acontecimento remonta ao casamento de Peleu e da deusa Tétis no Pélion. Durante o evento chega Éris, a deusa da discórdia, do ciúme. Ela traz consigo um presente de amor, uma maçã de ouro que possui a seguinte inscrição: “À mais bela”. Os convidados deveriam presentear uma das deusas com a maçã: Atena, Hera ou Afrodite<sup>40</sup>. Porém, os deuses não conseguem decidir a quem dar o presente, de forma que eles passam para um simples mortal a tarefa de resolver o assunto.

O mortal escolhido para desempatar a competição foi Páris Alexandre, filho do rei Príamo, senhor de Tróia, e Hécuba. Hermes, que estava acompanhando as três deusas, explica que Páris tem a incumbência de entregar o prêmio àquela que a seu ver é a mais bela. As deusas tentam seduzi-lo com promessas. Páris escolhe Afrodite, pois ela lhe prometeu que “(...) serás o sedutor completo, tudo o que houver de mais belo no plano feminino será teu e, muito em especial, a bela Helena (...). Serás o amante e o marido da bela Helena” (VERNANT, 2000, p. 89). Tal escolha ofendeu profundamente Hera.

Além de Páris, outro troiano a despertar a fúria de Juno foi Ganimedes. Este era visto como o mais belo entre os mortais edespertou o amor de Zeus, que o raptou e o colocou como “(...) escanção dos deuses, destituindo, assim, da função, Hebe, filha de Hera” (ALMEIDA, 2011, p. 21). Ganimedes despertou a fúria de Hera por dois motivos, dessa forma: Primeiro, pelo amor de Zeus por Ganimedes, pois Hera “(...) rege sobre o casamento legítimo, [e] qualquer que seja a relação concebida fora desse

---

<sup>40</sup> Na mitologia romana: Minerva, Juno e Vênus.

vínculo não é assentida e sempre acarreta na perseguição dessa deusa ao amado ou amada de Zeus” (ALMEIDA, 2011, p. 21). E a segunda, pela destituição de Hebe, sua filha, de sua função (ALMEIDA, 2011).

Agora partamos para o fato histórico: as Guerras Púnicas, deflagradas entre Roma e o império de Cartago, no período da República romana, como supracitado. Contrário aos mitos, esse fato constitui “(...) um evento futuro à diegese, na qual decorrem as ações de Eneias.” (ALMEIDA, 2011, p. 20). No trecho da *Eneida* acima citado Juno faz referência a uma cidade por ela muito amada: Cartago. Porém, uma profecia aponta que uma raça advinda do sangue troiano se tornaria um povo reinante e seria responsável pela perdição de sua amada cidade. Esse povo seriam os romanos, de forma que “Eneias representa esse elo entre o tempo da diegese da “Eneida” e o futuro funesto de Cartago, causado pela geração que há de vir, os romanos, a partir de seu sangue” (ALMEIDA, 2011, p. 22). Daí o desejo de Juno de impedir que Eneias chegasse à Itália.

Cartago era uma cidade de poderio bélico e seu poder é expresso principalmente na figura do general Aníbal. “O valor guerreiro atribuído a Cartago e a esse general foi tal, que Virgílio lhes conferiu uma homenagem mítico-poética na *Eneida* através da figura da personagem Dido.” (ALMEIDA, 2011, p. 22).

Segundo a narrativa mitológica, Dido era a rainha de Cartago. No Canto I, a deusa Vênus, que ainda não havia se revelado como tal a Eneias, descreve a história mitológica da rainha cartaginesa (Verg. *Aen.* 1, 340-68):

A tória Dido governa o império, tendo saído de sua cidade para fugir do irmão. Prolongados foram os seus sofrimentos, prolongadas as vicissitudes; relatarei, porém, apenas os fatos principais. Seu esposo era Sicheu, o mais opulento dono de terras da Fenícia, a quem a infeliz muito amava. Foi a ele que seu pai a dera, virgem, unida por bem augurado matrimônio. Possuía, porém, o reinado de Tiro seu irmão, Pigmalião, o mais celerado de todos os homens. Entre eles surgiu a discórdia. Ele, o ímpio, cego pela cobiça de ouro, matou, diante dos altares, ocultamente, o incauto Sicheu, sem temer o amor de sua irmã; oculta o crime por muito tempo e ilude com vãs esperanças e triste amante, dissimulando, astuto, muita coisa. Ela, porém, vê, em sonho, a imagem do esposo insepulto; este, erguendo o rosto de palidez extraordinária, mostra-lhe o peito trespassado pelo ferro no altar profanado e revela o crime secreto cometido no palácio. Depois, ele a persuade a fugir sem demora e deixar a pátria e, para ajudá-la na viagem, revela-lhe antigos tesouros escondidos na terra, grande quantidade oculta de prata e de ouro. Assustada com isso, Dido prepara a fuga e reúne companheiros. Agregam-se aqueles em que era mais forte o ódio ao

cruel tirano ou o medo; apoderam-se de naves que, por acaso, se achavam preparadas e as carregam de ouro. As riquezas do avaro Pigmalião são levadas pelo mar: uma mulher toma-se chefe. Chegaram aos lugares onde agora vês os imponentes baluartes da nova Cartago, compraram o terreno que pudessem rodear com uma pele de touro, de onde lhe veio seu nome de Birsá. (VIRGÍLIO, [1975], p. 27-8)

Virgílio coloca como origem da rivalidade entre Roma e Cartago o desentendimento que há entre Eneias e Dido no Canto IV da “Eneida”:

O ódio de Dido pelo herói troiano Eneias é de tal forma que a faz proferir imprecações, inclusive um desejo pelo surgimento de um vingador de sangue cartaginês, alusão evidente a Aníbal que exerceu a maior resistência perante os romanos. (ALMEIDA, 2011)

Cartago é a todo tempo exaltada por Virgílio no poema e Costa (2017, p. 150) aponta que a razão seria o desejo de Virgílio de criar um

[...] imaginário de arqui-inimigo romano poderoso, daquele inimigo estrangeiro que mantinha as instituições republicanas trabalhando em conjunto a fim de derrotá-lo. Outrossim, enaltecer Cartago significava enaltecer Roma, não somente porque a República Romana venceu o inimigo cartaginês, mas também porque a representação de uma grande Cartago servia de espelho pra Roma [...] (COSTA, 2017, p. 150)

Era importante exaltar Cartago e com isso destacar os feitos dos romanos ao lutarem e derrotarem um império de tal porte, pois as Guerras Púnicas trouxeram prejuízos ao povo romano entre os séculos III e II a. C. Elas “(...) exigiram grandes esforços e sacrifícios do povo romano, exaurindo boa parte dos recursos econômicos e humanos. Os soldados que voltaram das Guerras Púnicas encontraram suas terras devastadas, onde levaria anos para voltar a cultivar (...)” (COSTA, 2017, p. 128-9).

Além disso, estabelecer a derrota de Cartago como tendo sido fiada pelas Parcas<sup>41</sup> lhe dá o caráter de algo que estava destinado a acontecer; mais do que isso, que Roma estava destinada a ser um império. Assim, Costa (2017, p. 147) aponta que

[...] a partir de Cartago, ou seja, a partir da vitória nas Guerras Púnicas, a República Romana deu um primeiro passo em direção à criação de um Império no Mediterrâneo, no sentido de dominação romana sobre os povos da região. (COSTA, 2017, p. 147)

Assim, apesar das perdas sofridas e dos prejuízos, a epopeia evoca que as Guerras Púnicas foram um marco decisivo para a civilização romana, pois simbolizam o princípio da consolidação de Roma sobre o

---

<sup>41</sup> As três Parcas são as divindades romanas do Destino. Representadas como fiandeiras, são as responsáveis pelo nascimento, casamento e morte (GRIMAL, 2005).

Mediterrâneo, e um domínio sobre os mares e rotas comerciais. Essa seria a base, sob a qual, posteriormente, o Império Romano administraria grandes extensões de território, durante o principado de Augusto.

Dois outros grandes deuses aparecem no Canto I: Júpiter e Vênus. No éter, ambos conversam e Vênus questiona seu pai (Verg. *Aen.* 1, 229-53):

Ó tu que reges eternamente o destino dos homens e dos deuses e que aterrorizas com o raio, que fizeras contra ti meus Enéias [*sic*] e os troianos, para que, depois de tantos sofrimentos, lhes seja vedado o mundo por causa da Itália? Prometeste, sem dúvida, que do sangue revivido de Teucro, um dia, no decorrer dos anos, nasceriam os romanos, dominadores cujo poder se estenderá por mares e terras; revogaste a tua decisão, meu pai? Em verdade, eu me consolava da queda e da lamentável destruição de Tróia, opondo melhores destinos a destinos contrários. Eis, porém, que, depois de tantos infortúnios, a sorte ainda persegue aqueles homens. Que fim darás aos seus labores, grande rei? Pôde Antenor, saindo do meio dos aquivos, penetrar em segurança no golfo da Ilíria e até o fim do reino dos Liburnos e ultrapassar a fonte do Timavo, onde por nove bocas ele sai rugindo das montanhas, como um impetuoso mar, e alaga as terras com suas águas ruidosas. Ali, afinal, fundou a cidade de Patativa e estabeleceu a morada dos teucros, deu à nação o seu nome e levantou as armas de Tróia; agora, tranquilo, repousa em sossegada paz. E nós, tua progênie, a quem abres a culminância do céu, com as nossas naves – que horror! – perdidas, somos entregues ao ódio de uma só inimiga e afastadas das praias da Itália. É o prêmio de sua piedade? E assim que nos restituís o centro? (VIRGÍLIO, [1975], p. 25)

Vênus se preocupa com o destino de Eneias, pois este é seu filho. Ao seu apelo, Júpiter responde (Cf. Verg. *Aen.* 1, 257-96):

Não tenhas medo, Citeréia; continuam inexoráveis para ti os destinos dos teus; verás a cidade e as prometidas muralhas de Lavínia e elevarás aos astros do céu o magnânimo Enéias [*sic*]; não revoguei minha sentença. Ele (eis que vou revelar-te, pois a preocupação te aflige e revolverei de longe os arcanos do destino) levará a cabo na Itália uma guerra ingente, subjugará povos ferozes, imporá leis aos homens e erguerá muralhas, até que tenha visto três estios reinando no Lácio e que tenham se passado três invernos após a submissão dos rótulos. E o jovem Ascânio, ao qual então será acrescentado o cognome Iulo (era Ilo quando estava de pé o reino de Ilião) estenderá seu reinado pelo longo círculo de meses que constituem trinta anos e transferirá a sede do reino de Lavínia para Alba Longa, que cingirá de muralhas. Ali, a raça de Heitor reinará durante trezentos anos até que uma sacerdotisa de sangue real, Ilia, engravidada por Marte, dê à luz dois gêmeos. Depois, Rômulo, satisfeito de ostentar a fulva pele de uma loba, sua ama de leite, construirá as muralhas de Marte e dará seu nome aos romanos. Não lhes fixo limite no tempo ou no espaço: dou-lhes um império sem fim. E até a severa Juno, que ora fatiga com seu temor o mar, as terrase o céu, seguirá melhores desígnios e juntamente comigo fa-

vorecerá os romanos, senhores do mundo e povo togado. Tal é minha resolução. Chegará uma era, depois de transcorridos lustros, em que a casa de Assaraco subjugará Fítia e a ilustre Micenas e dominará em Argos vencida. Nascerá César, de nobre estirpe troiana, que estenderá seu império ao Oceano e sua fama até os astros; seu nome Júlio virá do grande Iúlio. Tu um dia o receberás no céu, carregado de despojos do Oriente: e ele próprio será invocado, nas preces. Terminadas as guerras, abrandar-se-ão, então, os rudes tempos. A veneranda Fé e Vesta, Remo com o irmão Quirino, ditarão as leis; as sinistras portas do templo da Guerra serão fechadas com trancas de ferro; dentro o ímpio Furor, sentado sobre as armas cruéis e as mãos presas atrás das costas por cem grilhões de bronze, rugirá horrendo, com a boca coberta de sangue. (VIRGÍLIO, [1975], p. 25)

Aqui, temos uma profecia que mostra mais uma vez o Império Romano como um desígnio divino e como um Império sem fim. Observemos que nessa profecia, Júpiter desdobra toda a linhagem de Eneias, chegando até Júlio César. Como Otávio foi adotado por Júlio como seu filho, tal herança foi também atribuída a ele.

Assim, estabelece-se uma linhagem divina a Otávio enquanto descendente da deusa Vênus, e Eneias, na qualidade de seu antepassado. Inclusive, o culto à Vênus ganhou muita notoriedade durante a dinastia Júlio-Claudiana, iniciada por Augusto e indo até a época de Nero, por volta de 68 d.C. Isso porque “essa dinastia sustentava a idéia [*sic*] de que era descendente direta de Vênus, tendo fundado um período de intenso culto a Vênus “Vitoriosa”, a quem deviam sua origem divina e todas as conquistas romanas” (FILGUEIRA; BUENO, 2013, p. 8).

Partindo da ideia de que Otávio é descendente de Eneias, e que a “Eneida” foi escrita, entre outras razões, para legitimar sua origem divina, faz-se interessante observar características do herói que o aproxima do povo romano. Mais do que isso, características que farão com que Augusto seja uma espécie de novo Eneias, e não apenas seu descendente.

Virgílio, através da exaltação de Eneias, aponta os valores romanos resgatados na era de Augusto. O poeta constrói o personagem Eneias sobre os valores basilares da cultura romana, virtude, piedade e fé, a fim de aproximar esse herói troiano, que talvez parecesse distante tanto no que diz respeito à época quanto ao espaço, dos romanos.

Esses três conceitos fundamentais dos romanos citados acima são reflexos das três funções das sociedades indo-europeias: O provedor (rei), o sacerdote, e o guerreiro. Proveniente da cultura indo-europeia, a nação romana tem o reflexo dessas três funções determinantes dos seus predecessores. Desta forma, observa-se a função guerreira evidente no conceito de *Vir-tus*; a sacerdotal no significado de *Pietas*; e por fim o conceito de provedor (rei) no de *Fides*. (ALMEIDA, 2011, p. 15)

Por isso, alguns epítetos são atribuídos com recorrência a Eneias: *Ingens*, *Heros*, *Pius* e *Pater*. “*Ingens* corresponde a ingente ou enorme, e *Heros* a herói, aquele de virilidade bélica, ambos corroborando a construção de Eneias como guerreiro que se distingue dos demais pelo seu porte e pela sua excelência guerreira.” (ALMEIDA, 2011, p. 15). Em paralelo, pode-se atribuir tais epítetos a Otávio, que se destacava como comandante e tinha um poderoso exército.

*Pius*, segundo Almeida (2011) é traduzido como piedoso e no sentido romano é aquele que teme, obedece aos deuses. No Canto I, Eneias recebe esse epíteto algumas vezes, como no trecho: “O piedoso Enéias [*sic*] ora lamenta, sobretudo, o destino do ardoroso Oronte, ora o de Amicó e a sorte cruel de Lico e a do bravo Gias e a do bravo Cloanto” (VIRGÍLIO, [1975], p. 25). Também aparece mais à frente (Cf. Verg. *Aen.* 1, 305-9):

Entretanto, o piedoso Enéias [*sic*], agitado durante a noite por muitos pensamentos, tão logo surgiu a benfazeja luz do dia, resolveu sair e explorar as terras desconhecidas para explicar aos companheiros exatamente a que praias o vento os levara, e quem as habita, homens ou feras, e eis que tudo vê inulto. (VIRGÍLIO, [1975], p. 27)

E ainda quando encontra Vênus, a qual Eneias ainda desconhece a identidade, e assim se apresenta: “Sou o piedoso Eneias, que trago comigo, na frota, os penates arrebatados ao inimigo, e cuja fama atingiu o alto éter” (VIRGÍLIO, [1975], p. 28).

O epíteto *Pater*, por sua vez, correspondia a pai, provedor, fundador. Este epíteto aparece no trecho: “Com o coração tranqüilizado [*sic*] por estas palavras, o valoroso Acates e o patriarca Enéias [*sic*] desejam ardentemente, de há muito, sair da nuvem que os cobria.” (VIRGÍLIO, [1975], p. 31). E ainda em: “Já o patriarca Enéias [*sic*] e a juventude troiana se reúnem e deitam-se nos leitos de púrpura.” (VIRGÍLIO, [1975], p. 33).

É interessante observar que em 27 a.C., juntamente com título de *Imperator* (Imperador – o primeiro homem à frente do exército), Otávio recebe o título de *Pater Patriae* (SILVA S., 2010), sendo mais um paralelo existente entre este e Eneias.

Além disso, a imagem de Eneias como patriarca corresponde à função exercida por Roma em relação às províncias conquistadas, e se Eneias é aquele que funda cidades no seu itinerário até o Lácio, “(...) no período de Augusto, tem-se como natural desdobramento, a Roma civili-

zadora que instaura leis e paz às suas províncias, tornando-se a cabeça de todo um corpo de cidades” (ALMEIDA, 2011, p. 16). Dessa forma, havendo a legitimação da expansão romana.

Ao final da profecia Júpiter aponta que, após as guerras virão tempos de paz e que “(...) as sinistras portas do templo da Guerra serão fechadas com trancas de ferro; dentro o ímpio Furor, sentado sobre as armas cruéis e as mãos presas atrás das costas por cem grilhões de bronze, rugirá horrendo, com a boca coberta de sangue” (VIRGÍLIO, [1975], p. 25). Esse trecho faz referência à *Pax Augusta* que “(...) foi determinada pelo processo de centralização do exército no comando de um chefe único, impossibilitada de se concretizar no período republicano, devido à descentralização do poderio militar” (ALMEIDA, 2011, p. 17). Foi simbolizada pelo fechamento dos portões do templo de Jano, deus das estradas, portões e começos, pois os exércitos precisavam passar pelos portões da cidade para ir aos combates (Cf. WILKINSON, 2000, p. 76 *apud* SILVA S., 2010, p. 3).

O templo de Jano guardava uma mensagem conhecida por todos os romanos: “suas portas abertas significavam que a cidade estava em guerra, suas portas fechadas indicavam o estado de paz em que se encontravam os romanos” (ALMEIDA, 2011, p. 17). Pela primeira vez em 200 anos, durante o governo de Augusto, o templo de Jano foi fechado. E em 800 anos, suas portas foram fechadas apenas três vezes (Cf. DURANT, 1971 *apud* SILVA S., 2010, p. 3).

Assim, a profecia de Júpiter dá aos romanos a garantia de que os tempos vindouros seriam pacíficos, e de que o governo de Otávio Augusto seria um tempo marcado pela paz após anos de guerras.

#### **4. Considerações finais**

A “Eneida” conta o mito fundador de Roma a partir da figura de Eneas, filho da deusa Vênus. Roma havia acabado de sair de anos de Guerra Civil e se fazia necessária uma obra para contar os grandes feitos de seus antepassados, os troianos sobreviventes da Guerra de Troia, que foram destinados a se estabelecer na Itália e dar início a um grande império. Com essa exaltação seria possível acender um espírito de orgulho e união no povo romano e seria criada uma memória coletiva. Além disso, ao atribuir uma linhagem divina a Otávio Augusto, A “Eneida” contribuiu para a legitimação do seu poder, e ao fundamentar a expansão romana

em profecias proferidas pelos deuses, deu ao Império o caráter de algo que deveria acontecer por vontade divina.

A partir da análise do Canto I, foi possível perceber as ligações estabelecidas por Virgílio entre os deuses Juno, Júpiter e Vênus ao Principado Romano de Augusto. Juno carregava grandes mágoas dos troianos em razão do Julgamento de Páris e do rapto de Ganimedes, mas também receava aquilo que as Parcas haviam tecido: que haveria um povo, descendentes dos troianos, que teria tal império capaz de destruir sua amada Cartago. Como visto, é possível associar tal trecho da “Eneida” com as Guerras Púnicas, conflitos que ocorrem entre Roma e Cartago e que resultaram na destruição desta. Assim, tais Guerras são vistas como tendo sido fiadas pelo destino. E mais, ao exaltar Cartago Virgílio cria o imaginário de uma arqui-inimiga de Roma, que mesmo com seu poderio foi derrotada, o que infla o orgulho do povo romano.

Júpiter, por sua vez, aparece no Canto I para contar a Vênus a profecia do Império que se formaria. A deusa é mãe de Eneias e temia pelo seu filho e pelo seu povo que passou por inúmeras provações. Nessa profecia, Júpiter traça toda a genealogia do Império, chegando até Júlio César, e por consequência, até Otávio Augusto. A profecia também fala sobre um período de paz que se estabeleceria após anos de guerra, fazendo referência à *Pax Augusta*, talvez como uma forma de acalmar o povo cansado de guerras e assegurar-lhes que um período de paz se seguiria.

Assim, é possível perceber que Virgílio narrava em sua epopeia mitos do passado, mas também profecias que já haviam se concretizado no presente, ou seja, na Roma de Augusto. Porém, mais do que uma obra para legitimar o poder do recente Império, na “Eneida” encontramos um farto material sobre a cultura romana, que nos permite hoje ter uma ideia de como esse povo viveu. É uma história mítica e histórica que nunca perdeu seu fascínio, e talvez, nunca perderá.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. dos S. *O augúrio no Livro II da Eneida: a destruição de Troia e o destino de Eneias*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6190?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6190?locale=pt_BR). Acesso em: 17 abr. 2021.

CARDOSO, Z. de A. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COSTA, N. de M. Quando o destino supera o amor: a trágica relação de Enéias e Dido na Eneida de Virgílio como a tragédia entre Roma e Cartago (264-146 a.C.). *Espaço Plural*, ano 18, n. 37, p. 127-52, 2017.

FILGUEIRA, A. P. S.; BUENO, A. de C. Vênus: uma deusa não só do amor. In: Simpósio Nacional de História ANPUH, 27, 2012. *Anais [...]*. Natal: [ANPUH], 2013, p. 1-11. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364334608\\_ARQUIVO\\_trabalhocompleto.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364334608_ARQUIVO_trabalhocompleto.pdf). Acesso em: 18 abr. 2021.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. [Apostila]

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

KRIPKA, R. M. L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. de L. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. *Revista de investigaciones UNAD*, Bogotá, v. 14, n. 12, p. 55-73, 2015.

RONÁI, P. Virgílio, Poeta Épico. In: VIRGÍLIO, *Eneida*. [S. l.]: Ediouro, [1975].

SILVA, C. F. P. da. Contradições na formação do Principado: alguns apontamentos. In: Encontro de História da ANPUH, 8., 2010, Vitória. *Anais [...]*. Vitória: [ANPUH], 2010. p. 1-8. Disponível em: [http://www.pr.anpuh.org/resources/download/1506692391\\_ARQUIVO\\_CamillaFerreiraPaulinodaSilva.pdf](http://www.pr.anpuh.org/resources/download/1506692391_ARQUIVO_CamillaFerreiraPaulinodaSilva.pdf). Acesso em: 18 abr. 2021.

SILVA, S. C. O Principado Romano sob o governo de Otávio Augusto e a política de conservação dos costumes. *Crítica & Debate*, v. 1, n. 1, p. 1-17, jul./dez. 2010. Disponível em: [https://cinedebateuneb.org/\\_files/200000052-24e4d25da8/O%20principado%20romano.pdf](https://cinedebateuneb.org/_files/200000052-24e4d25da8/O%20principado%20romano.pdf). Acesso em: 14 abr. 2021.

SOUSA, F. E. de O. *As pinturas do templo de Juno e o Ciclo Troiano*: imagem e memória épica na arquitetura da Eneida. 2008. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP\\_58f8bc067a05870\\_5209cd5e0a5f966b3](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_58f8bc067a05870_5209cd5e0a5f966b3). Acesso em: 12 abr. 2021.

VERNANT, J. A guerra de Troia. In: VERNANT, J. *O Universo, os Deuses, os Homens*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 78-97.

VIRGÍLIO, *Eneida*. [S. l.]: Ediouro, [1975].